

A meu pai, em reconhecimento.

Gilberto Passos Gil Moreira

28-12-64

UNIVERSIDADE DA BAHIA

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

DISCURSO DE FORMATURA

BACHARELANDOS EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS

DE 1964

ORADOR: GILBERTO PASSOS GIL MOREIRA

Salvador, 28 de dezembro de 1964.

Gilberto Passos Gil Moreira

Estamos em tempo de ação, mais que em tempo de palavras.

Tudo que é de nossas potencialidades históricas, tudo que é de nossa grandeza latente, já foi dito. Tem sido cantado, em prosa e em verso, o brilhante futuro da nossa pátria e o papel redentor de um ansiado porvir.

Pois bem. Esse futuro começa a se fazer presente; esse porvir tem, em nós, a sua primeira manifestação; o nosso futuro, a nossa grandeza, estão em nos sas mãos.

Estamos em tempo de ação, mais que em tempo de palavras e, por isto, serei breve.

A natureza encontra no homem a sua expressão maior. Desde o seu aparecimento, o homem tem se preocupado, não só com os aspectos primários de sua sobrevivência, bem como, muito mais profundamente, com a construção de um mundo cada vez mais novo.

A existência humana tem se caracterizado pe la constante luta por maior saber e maior desfrutar; nesta luta, o homem vem transformando, a si e ao mundo exterior, num processo irreversível de aprimoramento das condições de vida, das sociedades e dos indivíduos, e, a medida que o mundo alcança épocas mais avançadas de sua evo

lução, as necessidades gerais tendem a se intensificar e se acumular.

Em consequência, os acontecimentos que promovem a satisfação dessas necessidades, tendem a ganhar um movimento mais acelerado. Assim tem sido, para todos os setores da atividade humana, para todos os povos, para todas as regiões; - assim tem sido, para as ciências, para as artes, para as atividades produtivas; assim tem sido, para todo o conjunto de realizações que envolve uma determinada época; assim tem sido, para a realidade histórica.

Entre nós o surgimento de novas forças, em choque com o velho BRASIL sustentado pela teimosia de um tradicionalismo altamente resistente, vem provocando uma sensação de desencontro e desentendimento na vida nacional.

Esta sensação, para os mais avisados e mais conscientes dos nossos destinos históricos, não chega a assustar; se os assusta, assusta-os para que se lancem, destemidamente, a um autêntico trabalho de realização das modificações exigidas pelo momento. Para muitos, a maioria, infelizmente, essa sensação de derrocada e de falência, tem trazido o desespero, o desalento e o cruzar de braços, ao lado de alguns pálidos queixumes que, apesar do grande clamor e da grande vociferação que os caracterizam, são, realmente,

muito pálidos e desprovidos de maior sentido construtivo.

Essa atmosfera, provocada pela irremediável luta entre os novos e velhos valores da nossa vida sócio-econômica, submete o momento nacional, a uma densa onda de insatisfação e instabilidade. Isto, nada mais é, que a indicação de sérias transformações que se iniciam. Estamos num início de jornada. É, por isto mesmo, necessário que a sensação de derrocada se desfaça da consciência brasileira, e, tal ocorrerá, a medida que cada etapa da transformação seja vencida, a medida que cada foco de resistência dos valores caducos seja, racional e definitivamente, superado, a medida que resultados positivos possam ser obtidos das novas estruturas.

Por isso, os homens conscientes da realidade brasileira, aquêles que sabem não haver fantasmas apocalípticos nas lutas que se travam entre células e corpos das instituições do país, devem se preparar, e a quantos possam, para o trabalho desinteressado e corajoso, em prol de um verdadeiro desenvolvimento nacional. Para tanto, as excessivas preocupações com a validade e consequência das atitudes tomadas, devem ser deixadas de lado. Deve prevalecer sim, a intenção maior de oferecer todo o esforço para a realização daquilo que represente verdadeiras pretensões coletivas. Qualquer acontecimento em que a vontade humana possa inter-

ferir, terá consequência válida, na medida em que emane da simples preocupação de construir, para um ou para muitos, alguma coisa que seja, realmente, de todos.

Já é hora de ignorar o fatalismo que toma conta da mentalidade brasileira, fomentando a descrença e o descuido. Já é hora de ignorarmos as predestinações fantásticas que vaticinam um auto-desenvolvimento da civilização nacional, através um passe de mágica da história.

Já é hora de abandonarmos a cética obstinação a uma sub-vida, como se algum fatalismo histórico tivesse reservado para nós a pior fatia do pão universal.

Decisivamente, estamos em tempo de ação, e o BRASIL exige de seus homens, pronta ação para a cura dos grandes males estruturais de nossa vida socio-econômica. Os males são, sem sombra de dúvidas, muito intenso e espalhados, epidemicamente, por todos os setores da atividade nacional.

Na vida brasileira, o setor econômico aparece como um dos mais problemáticos, tendo em vista seu condicionamento aos demais setores da estrutura nacional, e, principalmente, por representar o centro nevrálgico do processo de desenvolvimento. Responsável pelas condições materiais da vida do povo e, indiretamente, responsável pelo aperfeiçoamento geral da sociedade, o sistema econômico brasi-

leiro traz, ainda, em sua estrutura, deficiências originadas do passado colonial, quando o país encontrou, nas monoculturas regionais, o principal suporte de sua economia.

Dentro de um mundo que se desenvolve com formas de produção e de consumo mais avançadas, através um complexo industrial que, dia a dia, se aperfeiçoa ao lado de uma imprescindível produção agrícola bem estruturada, o BRASIL sente indiscutíveis dificuldades em alcançar melhores padrões para a sua atividade produtiva conservando, como tem conservado, um sistema econômico sustentado pela exportação de dois produtos agrícolas cujo mercado internacional vem se tornando, cada dia, menos favorável.

Em consequência, a industrialização aparece, forçosamente, como um dos principais meios de resolver as dificuldades do complexo ^{econômico} nacional, podendo vir a se constituir, caso certos cuidados sejam tomados, no principal fator de crescimento e desenvolvimento da nação.

Considerando, apenas, as primeiras manifestações maciças das duas últimas décadas e não tomando em conta os naturais problemas provenientes dos investimentos isolados e mal cuidados de fins do século passado e primeiras décadas deste século, podemos afirmar que a industrialização nacional ainda não conseguiu definir uma posição preponderante como fator indiscutível de desenvolvimento econômico.

+

co, principalmente, por não ter conseguido racionalizar-se em sua formação.

Dentre os muitos fatores que vêm contribuindo para a relativa atrofia da industrialização nacional, destacamos a inexistência de setores auxiliares bem formados como, por exemplo, os setores agrário, educacional e o sistema de comunicações, e a deficiência do fator humano necessário ao trabalho de planejamento e racionalização da atividade do binômio "ESTADO-EMPRESA".

O problema da improvisação e da adaptação de emergência na utilização do fator humano, principalmente, para os setores mais complexos de nossa atividade empreendida, é, de fato, um dos sérios entraves ao bom desenvolvimento da indústria, no BRASIL. As empresas brasileiras, sejam elas do ESTADO, de economia mista ou privadas, enfrentam, já no momento, sérias dificuldades com a sub-qualificação do fator humano para as crescentes responsabilidades da vida empresarial, principalmente, pelo caráter empirista, já desgastado, do desempenho administrativo. Os órgãos públicos — estes em situação caótica — almejam pela dinamização, através de técnicas mais modernas de trabalho.

Existe, em verdade, não mais uma percepção quanto à imprescindibilidade futura, mas uma necessidade presente e urgente de ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA em nosso país.

Por isso, atentando para que, o desenvolvimento definitivo da economia nacional depende, essencialmente, do padrão alcançado pelo complexo EMPRESARIAL-ESTATAL; atendo para que a satisfação das crescentes necessidades do país só se efetivará na medida em que o sistema econômico alcance um estágio mais avançado; atentando para que, os valores gastos da administração empírica já não fazem face aos problemas maiores da empresa e da máquina estatal; atendo, finalmente, para os interesses maiores do nosso povo que enfrenta, cada dia com mais horror, o fantasma do empobrecimento, podemos perceber, aliviados, não terem sido perdidos os quatro anos vividos, com algum sacrifício, na ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DESTA UNIVERSIDADE, escola que, insistentemente, vem procurando mostrar à comunidade bahiana a importância do ADMINISTRADOR moderno para o processo de desenvolvimento da vida nacional.

Já estamos, em parte, recompensados pela certeza de que alguma coisa útil poderemos fazer pela nossa terra e pelo nosso povo. Resta-nos, agora, esperar pela maior recompensa: a de, efetivamente, trabalhar pelo advento de melhores dias para a querida PÁTRIA. Esta será, para nós, a maior recompensa.

Estamos em tempo de ação e nada nos trará maior satisfação que entregarmo-nos à ação de difundir e propagar

os conhecimentos que, em bôa hora, esta UNIVERSIDADE nos le-
gou. Estamos em tempo de ação; e tempo de ação é tempo de
razão - ATIO ET RATIO.

Meus colegas de bacharelato, sabemos bem da
nossa responsabilidade. Somos jovens como jovem é o pro-
cesso de desenvolvimento e emancipação de nossa PÁTRIA; so-
mos entusiastas como entusiasta é toda a nossa geração; so-
mos conscientes do nosso verdadeiro tempo e lugar na histó-
ria dos povos e do mundo. É necessário, entretanto, que se-
jamos mais humanos.

Meus companheiros, um mundo cheio de ódios, de
lutas, de desesperos e de desencontro, como o mundo atual,
não conseguirá dar ao homem a paz de que êle necessita para
construir uma civilização maior, se o amor não for cultiva-
do na verdadeira extensão do seu significado. O nosso mun-
do precisa de amor, mas não vem conseguindo encontrá-lo. Ur-
ge que nós nos encontremos como seres humanos; é preciso
que busquemos a vida, em nós e em cada ser humano, porque nin-
guém vive só, ninguém é só. É preciso saber que somos a
expressão maior da natureza, simplesmente, porque não somos
um, somos todos: a dividir e a completar, ao mesmo tempo, o
mundo em que existimos.

É necessário que tenhamos a compreensão não
conseguida por aquêles a quem tem sido entregues as respon-

Sabilidades pelos destinos de nossa PÁTRIA. Os erros, conscientes e inconscientes, cometidos pelos homens que têm dirigido a nossa vida, não devem ser por nós cometidos, pelo menos, na medida em que, cometê-los, dependa de nossa maior consciência da realidade, da nossa maior honestidade na verificação das causas dos grandes males que nos afetam; na medida em que dependa do reconhecimento de nossas próprias limitações e da reformulação, se necessária, das nossas próprias ideias e do nosso próprio comportamento.

A falta de humanismo e de humildade vem perdendo os homens de nossos dias.

A igualdade humana tão exaltada e apregoada pelas gerações que se sucedem, não tem sido, infelizmente, a grande preocupação dos que se revezam no comando das forças da sociedade.

A liberdade, igualmente, tão discutida e festejada, tem se perdido, vítima dos egoísmos exacerbados, das mentalidades distorcidas, da falsa visão de mundo de grande parte dos homens de nossa época.

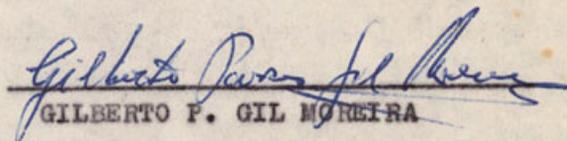
Tais conceitos, extraídos da experiência histórica, ano a ano, século a século, e solidificados através das grandiosas lutas que forjaram as modernas civilizações, têm servido de máscara às mais condenáveis pretensões egois

tas e de bandeira para investidas menos digna contra os direitos das nações e dos povos.

Colegas de luta passada nos bancos de escola e de luta futura nos campos da vida: é chegada a hora de dar ao BRASIL o que êle espera de nós; é chegado o tempo de trabalho e reflexão.

Em nossa profissão, especialmente, teremos, sempre, seres humanos a depender, direta ou indiretamente, de nós, para realização de uma série de anseios e satisfação de uma série de necessidades. É necessário, pois, que nos compenetremos da nossa condição humana e da condição humana daqueles que nos cercam; devemos estar atentos para as constantes modificações que se processam em nós e ao nosso redor, para que possamos condicionar o nosso comportamento às necessidades maiores da PÁTRIA e do povo que nada mais são que as nossas próprias necessidades.

Para quantos possam nos ouvir, devemos dizer que estamos em tempo de ação, mais que em tempo de palavras.


GILBERTO P. GIL MOREIRA